

RESENHA

AMIGORENA, Santiago H. *O gueto interior*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Todavia, 2020. 128 pp.

Uma questão que permeia as narrativas de catástrofes é, justamente, como estruturar o relato de um sofrimento que parece estar além da sua representação linguística. No que tange às histórias de figuração do *Shoa*, Márcio Seligmann-Silva (2007, p. 125) destaca duas formas de composição da narrativa: uma de caráter mais mimético, “que visaria uma apresentação ‘direta’ e ‘objetiva’ do fato histórico”, e outra “mais marcada pelo trabalho assumidamente ‘literário’ e que reflete sobre as dificuldades e estratégias para se representar o ‘real’ [...]”. Como diz o estudioso, há “uma paleta de gradações” (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 123) entre tais modos de construção; e é da radicalização de tal paleta que Santiago H. Amigorena, diretor de cinema, roteirista e escritor nascido na Argentina mas radicado na França, edifica o pungente romance *O gueto interior*, lançado em 2019. Rápida e precisamente, ele foi publicado em 2020 no Brasil pela Todavia em tradução de Rosa Freire d'Aguiar.

Amigorena plasma tais modos de composição através de um narrador supostamente onisciente - mas que, no epílogo do romance, assume a voz autoral - e à frente do relato narrado, apto a levantar diferentes fios narrativos que se entrecruzam. O primeiro, o que mais nos interessa e que dá o tom individual ao enredo imaginando o flagelo particular, focaliza sobretudo a biografia de Vicente. Nascido na Polônia, mas morador de Buenos Aires no começo dos anos de 1940, relata-se, nesta história principal, o seu processo de emudecimento; o segundo fio, que torna a narração objetiva, traz exposições quase históricas acerca da cruel dominação nazista sobre os judeus. Quase históricas, pois a seleção do que é contado está amiúde relacionada com uma razão de angústia do protagonista: a vivência da mãe, segregada de uma vida social minimamente humana, em um gueto de Varsóvia. À medida que a situação da mãe, quando conhecida através de raras cartas, torna-se mais miserável, Vicente, assolado pela culpa, torna-se melancólico. Podemos compreender que a culpa e o afastamento do protagonista do corpo social (a solidão) são partes integrantes afeto melancólico.

A culpa, como salienta Sigmund Freud (2019, p. 100), é parte inerente da melancolia. Essa exacerbação patológica da tristeza motivada pelo luto malsucedido é caracterizada, para além da autorresponsabilização gerada pela perda muitas vezes difusa do outro, como um “desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima [...]”.

Como veremos, as mencionadas e raras cartas da mãe de Vicente são o estopim, os pontos de inflexão, para o irrompimento da profunda tristeza e, como parte dela, do insulamento doloroso da personagem principal e do rebaixamento do seu interesse pelo mundo exterior próximo - simbolizado pelo emudecimento.

No início do romance, no entanto, topamos com uma personagem ajustada ao *modus vivendi* de Buenos Aires. A imigração de Vicente para a capital argentina, ocorrida em 1928,

representa a sua busca pela novo e pela possibilidade do futuro em um lugar não devastado pela Primeira Guerra Mundial, como fora a Polônia. O deslocamento, no entanto, cria uma cisão identitária na relação dual do protagonista relacionada ao sentimento de pertencimento a uma comunidade cognoscível. Ao mesmo tempo em que ele mais se sente adaptado em Buenos Aires, menos ele se identifica com as suas raízes judaico-polonesas - ou pelo menos nisso ele quer acreditar. Nas primeiras páginas da narrativa, em que o protagonista se encontra em um estado de harmonia (felizmente casado, pai de dois filhos e estável em termos financeiros), procura desgarrar-se do passado: as notícias da Europa, assim como a sua origem judaica, são pouco relevantes para ele. Figurando a rápida adaptação ao novo ambiente, e o pretenso esquecimento das suas raízes, Vicente

esquecera o iídiche e aprendera a falar argentino corretamente. Salvo seu amigo Ariel, mais ninguém o chamava de Wincenty: todos o chamavam de Vicente - e, pensando bem, ele afinal de sentia, *naquele tempo*, bem mais argentino do que judeu ou polonês. (AMIGORENA, 2020, p. 25, grifo nosso)

O advérbio de tempo está grifado, pois, além de mostrar a posição ulterior do narrador em relação ao narrado, aponta para a instabilidade do quadro idílico identitário da personagem; “naquele tempo”, então, indica um momento, mais ou menos fugidio, a ser perdido. Digamos que a sensação de afastamento com os vínculos espaciais e religiosos ocorre, portanto, em decorrência da sua aclimação. Mas, como percebemos com o decorrer da história, de adormecidos, tais vínculos tornam-se latentes, e de latentes tornam-se conscientes.

Dois são os mais relevantes agentes mnemônicos que não permitem a Vicente ignorar totalmente o passado e os acontecimentos do lugar de outrora no presente: as já citadas cartas da mãe e a companhia de Ariel, que imigrou com ele para a Argentina. O amigo, lendo todos os jornais argentinos e internacionais possíveis, é a antítese do protagonista à procura de desmemoriar-se: para mais de chamar Vicente pelo seu nome original, informa-o, quando as esparsas notícias possibilitam, e um tanto a contragosto do protagonista, dos acontecimentos na Polônia invadida pelos nazistas. Em certo momento, Ariel comunica ao amigo a segregação dos judeus, presos nos guetos, em Varsóvia causada pelo exército alemão. A incredulidade diante da notícia alarmante é logo diluída pela sua confirmação quando uma carta da mãe de Vicente chega, dizendo, entre outras coisas:

Talvez você tenha ouvido falar do grande muro que os alemães construíram. [...] Podemos dizer que tivemos sorte. Mesmo que, como para todo mundo, seja uma dificuldade encontrar o que comer. Tive de vender as joias que me sobravam e o mantô de pele com que seu pai me presenteou nos meus quarenta anos. Lembra-se dele? Envie-nos tudo o que puder. (AMIGORENA, 2020, p. 36, grifo do autor)

A partir da evidência relativa à construção dos superpovoados guetos, da penúria ali instalada e, principalmente, do sofrimento impingido a sua família - acarretando a subjetivação da dor -, o martírio do outrem allhures acomete o protagonista fazendo com que suas meditações comecem a girar obsessivamente em torno dos eventos recém conhecidos: “Para os negócios, foi um bom dia. Mas Vicente não conseguia mais pensar em nada que não fosse a sua mãe” (AMIGORENA, 2020, p. 37). Nem o reencontro com os seus filhos e a sua esposa

reestabelecem o bom humor dele. Doravante, embora amparado pela rede familiar, ele inicia o processo de silenciamento da comunicação do tormento. Tal ação simboliza não só a possível incompreensão do outro diante da dor de Vicente, mas, também, que essa é uma dor que deve ser sentida tão somente por ele. Não partilhar a angústia é não angustiar a esposa e os filhos, teoricamente. Após a segunda carta da mãe, que amplifica o tamanho do padecimento dela, o protagonista tenta, de modo árduo, traduzir a Rosita, sua esposa, a epístola recebida; após traduzi-la, o narrador mostra, em discurso direto, os pensamentos do protagonista:

“[...] E agora, agora que seria preciso lhe dizer, agora que seria preciso falar com as crianças, agora que sei o que acontece por lá, agora que sei que provavelmente jamais vou conseguir que minha mãe e meu irmão venham para Buenos Aires, agora que sei que nunca salvarei ninguém, agora que tudo me parece vazio e inútil, agora que não há mais nada além de um vazio imenso que se estende à minha frente, agora... terei direito de lhes dizer? Terei o direito de lhes pedir que dividam o meu pesar? [...]”. (AMIGORENA, 2020, p. 59)

Todavia, como dissemos, tão somente teoricamente o emudecimento protege a família, uma vez que, se não é a verbalização do sofrimento que motiva a aflição daqueles que o rodeiam, é o próprio ocultamento da inquietação que engendra a crescente indisposição impotente e perplexa, sobretudo de Rosita¹, dos outros sobre o protagonista.

Em relação à mãe, e ao sentimento de que Vicente a abandonou na Polônia, o protagonista, nesse momento da história, ainda não sente culpa, mas, seguindo as proposições culturais freudianas (FREUD, 2012, p. 141), que veem o arrependimento como a experiência incipiente da culpa, ele lamenta não ter insistido mais na ida da mãe para a Argentina. O arrependimento produz uma sede de compensação psíquica do desprazer. No caso, do desinteresse pela situação da família no velho mundo, ele passa a ler maniacamente os jornais à procura de notícias. Ao mesmo tempo, Vicente se reconhece cada vez mais judeu, como se quisesse participar da tragédia da mãe e do seu povo. O desejo de envolver-se na tragédia do outro - mas que também, na sua ótica, deveria ser dele - o faz criar uma paisagem psíquica homóloga ao espaço real do gueto de Varsóvia; daí a bela metáfora do gueto interior, título do romance.

Para mais do que se calar, o insulamento de Vicente se expressa no total alheamento em face do que o cerca, da enorme diminuição do cuidado consigo mesmo e do sentimento de não pertencimento ao lugar em que vive. Assim, ele até acompanha os amigos nos passeios, porém não se associa às conversas deles; ao contrário, isola-se no jogo, num processo perverso de autossabotagem. Do indivíduo galante e vivaz na chegada à Argentina (cuidando, sobremaneira, da sua aparência), transforma-se em um sujeito desgracioso e indolente (que nem mais se barbeia) em discordância com a atmosfera de Buenos Aires. O narrador, como vemos no grifo, destaca a solidão do protagonista: “*Só Vicente*, naquela cidade imensa, naquela cidade em festa, se sentia cada vez mais pobre, cada vez mais miserável” (AMIGORENA, 2020, p. 82, grifo nosso).

¹ No caso da representação dos pensamentos de Rosita, o narrador também faz uso do discurso direto. No ápice da estupefação diante do isolamento do marido, por exemplo, ela se pergunta: “Mas por quê? Por que ele faz isso? Por que nunca mais está presente? Por que nunca mais pensa em nós? Por que já não nos ama? [...] Por que insiste nesse silêncio que nos mata, que destrói as crianças, nossa família, nosso amor, nossa vida?” (AMIGORENA, 2020, p. 89).

O desencadeamento da melancolia provoca a sensação de ipseidade do sofrimento; isto é, do que Vicente sofre, ninguém mais sofre. Dessa forma, não há alguém apto a ajudá-lo. Sem reconhecer a existência do amparo em Rosita e Ariel, elaborando a culpa por não amparar a mãe e tomando conhecimento, aos poucos, do agravamento do genocídio judaico, o seu Eros não se liga mais a nada. Ele se sustenta como um morto-vivo: “continuava a viver sem o menor desejo, sem o menor prazer” (AMIGORENA, 2020, p. 94).

Bunhari e Darriba (2014, p. 200) entendem que o complexo melancólico pode relacionar-se com a noção de pulsão de morte, de arrefecimento da proteção de si. Assim, a lenta destruição do Eu causada pela vontade de voltar ao inorgânico, tem o poder de desencadear o suicídio pela ausência de transferência libidinal para um outro não fantasmagórico. No caso de Vicente, a mãe é quase tão somente espectral, estando e não estando viva ao mesmo tempo. A falta de notícias dela, que mora em um lugar assolado pelo extermínio dos seus, acarreta a dúvida acerca da sua condição. Mesmo (e por conta dela) após a sua terceira, e última, carta, em que a mãe relata tanto a intensa fome quanto o assassinato arbitrário de pessoas que ela conhece, a incerteza continua; por inanição, infecção, arma de fogo ou câmara de gás: eram diversos, e aparentemente inescapáveis, os modos de morrer.

Diante de tal cenário, ele deixou “de crer que a vida era mais importante do que a morte” (AMIGORENA, 2020, p. 107). Nos fundos de sua loja, tenta cometer suicídio enforcando-se, mas é interrompido pela voz da mulher, que anuncia estar grávida. A gravidez e a inequívoca derrota alemã na guerra impedem o suicídio, dão ao casal a possibilidade de estruturar o futuro - um certo remédio paliativo contra a melancolia - mas não inibem o alastramento da culpa perante o “horror de ter faltado ao seu destino, o horror de não ter estado lá onde era preciso estar - estar lá somente para morrer junto com ela [com a mãe]” (AMIGONERA, 2020, p. 117). E o silêncio de Vicente parece que antevia o silêncio da mãe. Sem mais cartas, resta apenas inferir morte dela. Todavia, como mencionamos, há vida para nascer e alguém para se integrar. Ao final do romance, a esperança viabiliza o retorno da voz do protagonista, que diz a esposa: “- Se for menina, ela vai se chamar Victoria. Rosita pôs a mão sobre a do marido e, com lágrimas nos olhos, concordou. Victoria nasceu no dia 17 de junho de 1945” (AMIGORENA, 2020, p. 120).

Contudo, Santiago H. Amigorena não edificou uma história de fácil superação; aliás, um possível sentimento final ao terminar a leitura do romance é que a culpa pertence inexoravelmente a Vicente. Uma culpa que Karl Jaspers (2018, p. 19) denomina “culpa metafísica”: aquela em que, entre outras coisas, persiste sobre o fato de que “eu ainda estar vivo ao acontecer certa coisa deita-se sobre mim como uma culpa inextinguível”. O percurso de exacerbação da melancolia (da culpa e da solidão que subjazem a ela) sob a ótica quase individual do sofrimento, apesar dos entrecos que localizam e explicam o sofrimento histórico-social quase imanentes - e inescapáveis? - à representação do *Shoa*, fazem de *O gueto interior* uma obra memorável que lida com o mal subjetivo da profunda tristeza, na impotência que faz o indivíduo calar, e com o mal objetivo de um extermínio injustificável.

Pedro Barbosa Rudge Furtado²

² Doutorando em Estudos Literários na Universidade Estadual Paulista - Unesp

Referências

AMIGORENA, S. H. *O gueto interior*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Todavia, 2020.

BRUNHARI, M. V.; DARRIBA, V. A. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. *Revista Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, 2014.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. *Neurose, psicose, perversão*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 99-123.

FREUD, S. Totem e tabu. In: FREUD, S. *Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JASPERS, K. *A questão da culpa: A Alemanha e o Nazismo*. Trad. Claudia Dornbusch. São Paulo: Todavia, 2018.

SELIGMANN-SILVA, M. Literatura da Shoa no Brasil. *Arquivo Maaravi: Revista de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v.1, n. 1, 2007, pp. 123-135.

Recebido em: 09/07/2021

Aceito em: 19/10/2021